

# IDADE MÍDIA: O DISCURSO CINEMATOGRAFÍCO NA CONSTRUÇÃO DA HOMOAFETIVIDADE<sup>1</sup>

## *MEDIA AGE: THE CINEMATOGRAPHIC SPEECH IN THE CONSTRUCTION OF HOMOAFETIVITY*

**Kall Lyws Barroso Sales**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

### **RESUMO**

Neste trabalho, apresento uma reflexão sobre a construção do discurso cinematográfico e do discurso medieval sobre sexualidades. A teoria dos polissistemas de Even-Zohar (1990) foi a base teórica utilizada para evidenciar o diálogo entre o polissistema cinematográfico e o Texto Ocidental sobre sexualidade como disseminadores de uma hegemonia das sexualidades. Dessa forma, podemos compreender que o discurso cinematográfico também contribui na construção de um pensar-sexualidades e atua como um polissistema dialógico com discursos outros presentes na sociedade.

**Palavras-chave:** Teoria dos polissistemas. Cinema. Homoafetividade.

### **ABSTRACT**

*In this paper, it's presented a consideration about the construction of the cinematographic discourse and the medieval discourse about sexualities. The polysystem theory by Even-Zohar (1990) was the theory used to highlight the dialogue between the cinematographic polysystem and the Occidental Text about sexualities, as spreaders of a sexual hegemony. Therefore, we can understand that the cinematographic discourse contributes to the sexuality-thinking and acts like a dialogic polysystem with other discourses in societies.*

**Keywords:** Polysystem theory. Cinema. Homoafection.

## 1 IDADE MÉDIA: A HOMOAFETIVIDADE NO DISCURSO OCIDENTAL

Segundo André Setaro, “casamos um príncipe, beatificamos um papa, fizemos uma cruzada, matamos um mouro: eis a Idade Média”, ou seja, muitas práticas culturais contemporâneas, apesar das revoluções e discussões sobre sexualidades nas sociedades atuais, não podem ser dissociadas do período conhecido como Idade Média pois, foi nesse período, que grande parte de práticas culturais correntes, na atualidade, encontrou sua gênese. Alguns estudos acadêmicos que transitam pela cultura necessitam pôr em discussão o período da Idade Média, pois, atualmente, ele é referência para o que se entende como retrógrado, ultrapassado.

Como afirma Setaro (2011) nas mídias digitais, o processo pelo qual as culturas do ocidente passam, assemelham-se aos vividos na Idade Média. Mesmo sendo o cinema uma arte recente, ele não ficou livre das influências da religião cristã. Mas, antes de entender o poder que a religião exerceu nas produções fílmicas, deve-se fazer um apanhado histórico da tradução como meio de construção e de disseminação de práticas culturais.

No período, correspondente aos séculos XIV e XV, a relação entre pessoas do mesmo sexo foi alcunhada de sodomia pela Igreja Católica através da Bíblia<sup>2</sup>. Esse termo surgiu no século XII, proveniente do latim medieval e faz referência à cidade de Sodoma. Nos séculos XVI, XVII, XVIII não apenas países católicos como Espanha, Portugal, França e Itália, mas também os protestantes Inglaterra, Suíça e Holanda puniam a sodomia (TREVISAN, 2007).

Com o advento do cristianismo e com o poderio da Igreja, esse termo passou a ser utilizado para designar o que os clérigos denomi-

navam de perversão sexual, principalmente, àquelas ligadas ao sexo anal, pois, tais atitudes iam contra um dos preceitos mais importantes para os católicos do medievo: o sexo voltado, exclusivamente, para a procriação, sendo, portanto, uma atitude *contra naturam*.

Ao ato eram atribuídas todas as mazelas, como o dilúvio, a destruição de Sodoma e Gomorra, as guerras, as pestes, as enchentes, entre outras. Com essa associação, o homem medieval passou, então, a abominar e a temer a sodomia, dando-lhe o caráter lascivo e pecaminoso que perdurou pelos séculos vindouros, através da manipulação e da reescrita de textos religiosos.

Existem relatos que demonstram, claramente, o quanto essa prática era abominada pela filosofia cristã, dentre as quais, podem ser citadas algumas passagens bíblicas de traduções difundidas em português, francês e inglês:

[Levítico. 20:13] Se um homem tiver relações com outro homem, os dois deverão ser mortos por causa desse ato nojento, eles serão responsáveis pela sua própria morte.

[Lévi. 20:13] “Si un homme couche avec un autre homme comme avec une femme, tous deux auront commis une abomination et seront frappés de mort et que leur sang tombe sur eux”.

[Leviticus. 20:13] If a man lie with a man as he lieth with a woman, both of them have committed an abomination: they shall certainly be put to death; their blood is upon them.

Ainda, no *Antigo Testamento*, outros exemplos podem ser observados, quando Deus diz: “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; é abominação” (*Levítico* 18:22). E, no *Novo Testamento*, na Carta aos Romanos, Paulo diz: “... Pois até as mulheres trocam as relações naturais pelas que são contra a natureza. E também os homens deixam as relações naturais com as mulheres e se queimam de paixão uns pelos outros” (*Romanos* 1: 26-27).

Com essa ojeriza também corroborava Santo Alberto Magno (1206-80) que pensava a sodomia como o maior pecado contra a natureza e fundamentava-se em quatro argumentos, a saber: “por subverter a natureza, por ser tão contagiosa quanto uma doença, por se distinguir pela imundície e porque aqueles que

<sup>1</sup> Esta comunicação é parte da minha monografia de Especialização em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará.

<sup>2</sup> As Ordenações Afonsinas, primeira consolidação de leis em Portugal, feita no século XV, declaram que a sodomia é o mais torpe, sujo e desonesto pecado ante Deus e o mundo, impondo ao infrator que seja queimado até virar pó, para que não reste memória de seu corpo e sepultura.

se viciavam nessa prática não se recuperavam” (RICHARDS, 1993, p. 149)

Na Idade Média, os pecados contra a natureza, por ordem de gravidade, seriam: a masturbação, a relação inatural com o sexo oposto, a relação homossexual e a bestialidade. A partir do século XIV, essas práticas faziam parte das acusações de bruxaria.

Os castigos para a sodomia variavam de acordo com a idade e com a situação do peccador. Se solteiro, a pena era de sete anos de jejum e de abstinência; se casado, era de dez anos; se fosse habitual, quinze anos; se fosse jovem, era punido com cem dias a pão e água. Ainda se diferenciava a sodomia homossexual da sodomia heterossexual. Esta era condenada a três anos, aquela, a dez. Só à bestialidade se comparava a sodomia homossexual, que era o pecado sexual mais sério (RICHARDS, 1993, p. 150).

Com toda vigilância e perseguição, a homoafetividade torna-se clandestina na Idade Média, também entre os clérigos, como afirma Boswell (1980), cujo “trabalho é o mais erudito e um dos mais completos sobre esse assunto”, segundo Richards:

Na Idade Média, o meio monástico era um terreno propício para a sodomia. A regra de São Bento previa que os monges deviam dormir cada um em uma cama, de preferência em um mesmo local, com sacerdotes mais antigos que cuidariam deles. Os regulamentos de Cluny proibiam que os noviços ficassem sozinhos ou na companhia de um só professor. Se um dentre eles, à noite, tivesse que sair para satisfazer as necessidades, tinha de estar acompanhado por um mestre e por outro jovem munido de lanterna. (BOSSWEL, 1980 *apud* RICHARDS, 1993, p. 150)

São Pedro Damiano também escreveu um livro sobre os abusos sexuais do clero, *O livro de Gomorra*, elencando as formas de homossexualidade, as circunstâncias das transgressões clericais e as medidas propostas contra tal prática. O referido autor entendia esse comportamento como hediondo e terrível:

Na verdade, este vício nunca deve ser comparado a qualquer outro vício, pois ultrapassa a sordidez de todos os vícios. Sem dúvida, este vício é a morte dos corpos, a destruição das almas. Ele polui a carne, ele extingue a luz da mente. Expulsa o Espírito Santo do templo do coração humano; introduz o Diabo, incita à luxúria. Ele introduz ao erro; ele remove completamente a

verdade da mente que foi ludibriada. (RICHARDS, 1993, p. 151)

Apesar da proibição massiva à sodomia, a tradição cristã, em sua gênese, era mais tolerante ao tratar dessa prática por duas razões: na Alta Idade Média, percebiam-se influências de modalidades não cristãs na aceitação desse comportamento e a hierarquia eclesiástica ainda estava em formação. Somente a partir do século XIII, as punições passaram a ser mais severas, principalmente, para os membros do clero, o que demonstra que mesmo sendo proibidas, as relações entre os “sodomitas” eram tão comuns quanto em qualquer outro período, levando-os à clandestinidade.

Aos conhecidos sodomitas eram associadas características vis, fazendo com que a figura do homossexual torna-se propenso para a cobiça, a inveja e o enfado, por isso, nessa visão, ela destruía suas energias e sua fibra moral:

Pode existir um jovem rapaz de raros talentos, alguém de grande inteligência, feito para realizar maravilhas, mas uma vez corrompido pela sodomia, ele se transforma numa criatura do Diabo. Ele rejeita todas as coisas naturalmente boas, todos os pensamentos de Deus, do Estado, de sua família, rejeita seus negócios, sua honra, sua própria alma [...] ele só pensa em assuntos malignos. (RICHARDS, 1993, p. 151)

Ainda segundo Richards, os sodomitas deviam ser afastados da sociedade, pois seriam figuras malignas, responsáveis pela imundície do mundo. Para o autor, a partir desse período em que a homoafetividade era punida, começou-se a pensar em uma subcultura homossexual (RICHARDS, 1993). Em Veneza, existiam espaços onde a homoafetividade promovia-se nos ginásios, nas boticas, nas casas de massa e nas escolas, lugares de encontro de jovens.

A construção de um discurso sobre a homoafetividade e sua associação ao mal, desde a Idade Média, foi disseminada através dos textos. A partir de então, traduções e reescrituras dos textos religiosos chegaram a diversas sociedades.

Sabe-se que muitos clérigos foram responsáveis pela disseminação de traduções manipuladas e que um dos grandes catedráticos da religião católica, Santo Agostinho, advertiu

aos outros tradutores que o texto deveria ser moldado a necessidade do tradutor de interpretar algo, como afirma Lefevère (2007, p.21):

[...] ele sugeriu que essas páginas [da Bíblia] deveriam simplesmente ser interpretadas, “reescritas”, até que se conseguisse fazer com que elas correspondessem aos ensinamentos da Igreja. Se uma passagem da escritura, observava Agostinho, “parece recomendar ou o vício ou o crime, ou condenar a utilidade ou a beneficência”, tal passagem deve ser considerada “figurativa” e “submetida ao exame atencioso até que uma interpretação que contribua para o reino da caridade seja produzida”.

Através dos escritos de Clérigos e das traduções da Bíblia, a homoafetividade é, preponderantemente, entendida como homem-homem, pois, nas sociedades patriarcais, o espaço relativo à mulher é muito escasso.

Atualmente, entretanto, novos discursos têm demonstrado que as motivações contra a homoafetividade não estão explícitas na Bíblia, mas que grande parte da perseguição sofrida pelas homoafetividades foram motivadas por escolhas de tradução, como observam pesquisas atuais de estudos bíblicos, apresentadas na fala de Helminiak (2005, p. 47):

As pesquisas científicas mais recentes demonstram e denunciam erros de tradução e interpretação nas passagens que falam sobre a homossexualidade. A maioria definem claramente, como por exemplo no livro de Ezequiel 16,48-49 e no livro da Sabedoria 9, 13-14, qual foi o pecado de Sodoma (Gênesis 19 : orgulho, inveja, abuso, pobreza de coração. O sexo não é mencionado nunca. Assim, que o termo « não-natural », por exemplo, que se encontra na carta aos Romanos 1, 28-29 deveria ser traduzido pelo termo « atípico » ou « não-convencional ». A Bíblia, se ela é lida com coerência com seus próprios termos e contexto, não apresenta nenhuma condenação explícita aos atos homossexuais<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> *Les recherches scientifiques plus récentes démontrent et dénoncent des erreurs de traduction et d'interprétation dans les passages qui parlent de l'homosexualité. La plupart définissent clairement, comme par exemple dans le livre de Ezéchiel 16, 48-49 et dans le livre de la Sagesse 9, 13-14, quel fut le péché de Sodome (Genèse 19) : orgueil, haine, abus, pauvreté de coeur. Le sexe n'est jamais mentionné. Ainsi que le terme "non-naturel", par exemple, que l'on trouve dans la lettre aux Romains 1, 28-29 devrait être traduit par les termes "atypique" ou "non conventionnel". La Bible, si elle est lue en cohérence avec ses propres termes et contexte ne présente aucune condamnation explicite des actes homosexuels.*

Essas pesquisas têm como fundamento elementos de tradução, como no exemplo supracitado, nos quais a escolha lexical motivou um novo sentido ao texto. Mas não cabe a este estudo ater-se as traduções da Bíblia, apenas é importante salientar que dentro dos discursos sobre as sexualidades, a manipulação dos textos religiosos foi uma das maiores contribuições para as proibições e modulações sofridas pelas produções cinematográficas.

## 2 “IDADE MÍDIA”: UMA NOVA ARTE COM PADRÕES ANTIGOS

Por que então pensar a Idade Média na contemporaneidade? Ora, pode-se perceber que, atualmente, o ocidente experimenta uma Idade Mídia<sup>4</sup>, em que imagens, sons e elementos cinemematográficos e televisivos são componentes essenciais de um pensamento corrente, e a figura do tradutor perpassa por esses pensamentos, pois, entende-se o tradutor também como sujeito histórico, e não somente como profissional técnico. Por isso, escolha, manipulação e recepção de textos são de importância ímpar para a produção de obras no campo artístico, como o cinema.

O olhar do cinema para as sexualidades assemelha-se muito ao da literatura ou do teatro quando se fala em representação. Símbolos construídos através de imagens retomam premissas e prescrições fundadas em religiosidade. Percebe-se que o cinema, durante muito tempo, teve que se sujeitar a regras semelhantes àquelas do teatro clássico, em que diversas representações eram proibidas.

O documentário *The Celluloid Closet* (1995), dirigido por Epstein e Friedman, faz um grande passeio pela história da homoafetividade nas produções cinematográficas, trazendo

<sup>4</sup> Muitos autores trabalham com o conceito de “Idade Mídia” na contemporaneidade, fazendo alusão à Idade Média. Um dos exemplos é o trabalho de Rubim: a contemporaneidade como Idade Mídia, disponível no site <http://www.scielo.br/pdf/icse/v4n7/03.pdf>. Brow, este é o modelo para fazer referência a obras publicadas em meios eletrônicos: MELLO, L. A. **A onda maldita**: como nasceu a Fluminense FM. Niterói: Arte & Ofício, 1992. Disponível em: <<http://www.actech.com.br/aondamaldita/creditos.html>> Acesso em: 13 out. 1997.

informações preciosas sobre como as representações da homoafetividade eram construídas. Durante os anos 1920 e 30, por exemplo, os dogmas cristãos influenciaram as produções cinematográficas, elaborando o primeiro código de moral, chamado *Hay Code*. Mas foi em 1934, que a igreja católica criou um esquema próprio de classificação de filmes: A (acceptable), B (morally objectionable) e C (condemned). A cristandade, então, não apenas criou classificações para os filmes, como também organizou boicotes, fazendo com que as produções submetessem-se às regras impostas.

Essas regras foram apenas o início de uma série de normas que dominariam as produções cinematográficas por um considerável período de tempo. Segundo o documentário referido, eram proibidos aparecerem na tela: beijo com a boca aberta, abraços luxuriantes, perversão sexual, sedução, estupro, aborto, prostituição, escravidão branca, nudez, obscenidade e profanação.

Entendia-se a homoafetividade como desvio da norma ou de maneira semelhante a um problema psicológico, assim sendo, não é surpresa que ela fosse proibida de aparecer, elencada como perversão sexual. Portanto, quando vista em cena, a homoafetividade era algo muito velado e difícil de notar e sempre associada aos aspectos vis do ser humano.

As discussões, no Ocidente, que foram pioneiras em um pensar-sexualidade surgiram na Alemanha com os estudos de Hirschfeld (1919), famoso pensador da sexualidade e iniciador, na defesa dos até então desconhecidos “direitos homossexuais”.

Por causa de seus estudos, o cinema ganhou uma das primeiras produções sobre a relação de dois homens no filme *Andern als die Anders*, de Richard Oswald, em 1919. Nessa produção, não-hollywoodiana, que foi banida logo depois de sua estreia, tem-se um retrato de como o espaço das relações entre dois homens fica condicionado ao invisível. Para a história da sexualidade Magnus Hirschfeld foi um importante pensador, tanto que, durante a segunda guerra, o *Institut für Sexualwissenschaft*, fundado por ele, foi destruído pelo regime nazista.

Na produção de filmes, pelo menos aque-

les que chegam ao grande público, a construção da personagem homoafetiva, bem como seu espaço, repousam em lugares comuns. As características da personagem podem ser variantes, entretanto, no que diz respeito ao espaço experimentado pela personagem homoafetiva tem-se uma constante no cinema: a personagem homoafetiva aproxima-se do conceito de *imigrante* de Walter Benjamin, pois, ela não é cidadã, tendo em vista que não goza dos direitos deste, e não é estrangeira, pois não encontra referente no externo como pátria. Sendo assim, ela parece muito mais com o imigrante, um ser átopos, sem lugar definido, que para surgir como ser precisa deslocar-se a um não-lugar, ou um lugar invisível.

*Brokeback Mountain*, por exemplo, foi um filme que se tornou muito popular por retratar o romance entre dois homens. A história de Anne Proulx não seria diferente das produções já existentes de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, pois, as personagens são confinadas a espaços específicos um - não lugar- e tal condição os leva a um processo de autodestruição.

Quanto à construção de espaços construídos sabe-se que ora são concretos, ora abstratos (PAVIS, 2003, p. 140) e que espaço e tempo estão, intimamente, relacionados. Geralmente, o espaço físico representa sentimentos internos do homem. No Romantismo, por exemplo, a construção do espaço tinha íntima relação com a sensação vivida pela personagem. Mas a experiência espacial vai além da sua construção; ela também é afetada pelo espectador, pois, concebe-se o espaço como uma ambiência vazia que é preciso preencher como preenche-se um container, ou um meio ambiente que é preciso controlar, preencher e fazer com que se expresse (PAVIS, 2003, p.141).

O espectador é responsável por preencher o espaço apresentado, por isso, em *Brokeback Mountain*, o espaço não representa apenas uma montanha, no sentido físico, como a montanha torna-se refúgio, mas um espaço construído que expressa a relação dos personagens.

Assim, de acordo com Pavis (2013), adotamos como definição de espaço ficcional o conjunto de elementos descritivos do espaço

dentro de um texto literário que se tornou texto visual, apresentando-se ora exterior e físico, concreto, ora interior e psicológico, abstrato, que motivam as ações das personagens. O conceito de espaço, então, é entendido de forma generalizante e, tendo como ponto de partida o espaço físico, podem-se interpretar significados por meio de impressões culturais no intuito de, assim, tentar inferir em que medidas os cenários e os espaços levam ao espectador a ideia de que a homoafetividade deve permanecer em segredo.

As funções da categoria espaço, de maneira geral, para os autores consultados, são de situar os actantes do enredo no tempo, no espaço, no grupo social; através disso, então, o espaço torna-se a projeção dos conflitos vividos pelas personagens ou mostra-se em conflito com os mesmos.

## REFERÊNCIAS

- BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.
- BOSSWEL, J. **Christianity, social tolerance, and homosexuality**. Oxford: 1980.
- CATRYSSSE, P. **Pour une théorie de l'adaptation filmique**. Leuven: Peter Lang As, 1992.
- DOUGLAS, A. **Poema dois amores**. 1894. Disponível em: <<http://escritorluiznazario.wordpress.com/2011/02/13/oscar-wilde/>>. Acesso em: 14 maio 2011.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 16 ed. São Paulo: Editora Loyola, 2008.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. São Paulo, Edições Graal, 2005.
- EPSTEIN, R.; FRIEDMAN, J. **The celluloid closet**: o outro lado de Hollywood. [S.l.]: Home Box Office (HBO) 1995.
- EVEN-ZOHAR, I. Polysystem studies. **Special issues of poetics today**, Tel Aviv, v. 11, n. 1, 1990.
- LEFEVÈRE, A. **Tradução, reescrita e manipulação da Literatura**. Bauru: Edusc, 2007.
- LOTMAN, J. M. **La semiósfera**: la semiótica de la cultura. Madrid: Cátedra, 1996.
- MEDEIROS, R. F. O cinema enquanto polissistema. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 95-113, jul./dez. 2009.
- METZ, Christian. **Linguagem e cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- MISKOLCI, cadê o primeiro nome? "O segredo de Brokeback Mountain ou o amor que ainda não diz seu nome". **Estudos feministas**, Florianópolis, p. 549-571, maio/ago. 2006.
- OSLVALD, R.; HIRSCHFELD. M. **Anders als die Andern**. Berlin: 1919.
- PELEGRINI, T. Narrativa verbal e narrativa visual: possíveis aproximações. In: \_\_\_\_\_ *et al.* **Literatura Cinema e televisão**. São Paulo: Senac, 2003.
- PROULX, A. **Brokeback Mountain**. [S.l.]: Scribner, 2005.
- RICHARDS, J. **Sexo, desvio e danação**: as minorias da Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.
- SETARO, A. **Setaro's Blog**. Disponível em: <<http://setarosblog.blogspot.com>>. Acesso em: 14 maio 2011.
- TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.